

Rosa em três tempos: ambiguidade e patriarcado na prosa de João Guimarães Rosa

Lucas Simonette¹³¹

Resumo

A comunicação visa expor parte da pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento. A pesquisa investiga o tema do patriarcado em contos escolhidos de João Guimarães Rosa, procurando observar, em última instância, se há e como ocorre certo esboço de um retrato do Brasil. Para tanto, a análise parte do objeto literário a fim de verificar de que modo a matéria social comparece por meio da estrutura. Nesse sentido, o estudo pretende aclarar as implicações formais da presença do patriarcado em três contos: “A volta do marido pródigo”, *Sagarana*; “Nada e a nossa condição”, *Primeiras Estórias*; e “Esses Lopes”, *Tutameia*. No primeiro conto, a história do ladino Lalino Salãthiel é urdida no chamado movimento pendular, o que exprime tanto sua índole embusteira quanto a dinâmica do coronelismo histórico. A ambiência marcada pelas estruturas arcaicas do mandonismo local demanda sujeitos à margem, tal qual malandros. É, pois, esse quadro, marcado pela veicidade das relações, que o autor confere uma forma peculiar. No que tange à segunda narrativa, o viés analítico recai sobre o halo milenarista em torno do patriarcado em decadência, o que expressaria no plano composicional uma resistência à derrocada do sistema de patronagem, o qual, diferente das narrativas de *Sagarana*, parece não se encaixar mais na sociedade brasileira que adentra à modernidade, ainda que ligeiramente. Por último, o conto de *Tutameia*, menos hermético em relação ao todo, apresenta o patriarcado visto de dentro, isto é, sob a perspectiva interna à casa, logo, da mulher.

Palavras-chave

João Guimarães Rosa; patriarcado; dialética

131 Bacharel e licenciado em Letras e mestrando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo sob orientação da profa. Dra. Simone Rossinetti Rufinoni. É bolsista Capes. E-mail: lucas.simonette@usp.br.

Historicamente, a fortuna crítica sobre Guimarães Rosa centrou-se nas questões relativas à metafísica. Essa tendência é oriunda de uma rara entrevista concedida pelo autor, na qual afirmava o caráter transcendental de sua obra, além de inferências da crítica literária — Antonio Candido, por exemplo, proclama que *Grande Sertão: veredas* seria o primeiro romance metafísico na literatura brasileira¹³². Ademais, é válido lembrar que, no meio intelectual durante o período nefasto da ditadura militar, o *éthos* histórico fora apagado¹³³, ensejando discussões de ordem menos sociológicas. A partir dos anos 90, a crítica começa a se ramificar em outras vertentes, com destaque para a dialética, a sociológica, a estrutural, a genética, a psicanalítica entres outras.

Em face desse quadro, a pesquisa procura aquilatar o texto de Rosa por meio do método dialético, de modo que a análise se articulará segundo a premissa de que é fundamental “fundir texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”¹³⁴ defendida por Candido. Sob esse aspecto, o crítico ainda pontua que: “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.”¹³⁵

Seguindo essa premissa de análise, a pesquisa busca explorar uma possibilidade de ler o autor em três tempos. A visão de Rosa acerca de diferentes dinâmicas socio-históricas estariam urdidas nos textos que compõem os contos e as novelas de sua obra. Tal fenômeno fica claro em *Sagarana*, em que se constata a formalização da experiência social do Brasil da Primeira República; e em *Primeiras Estórias*, nas quais uma nova ordem social econômica brasileira, alicerçada na tentativa de desenvolvimento nacional pela política de Juscelino Kubitschek, ganha outras modelagens.

Nesse sentido, a pesquisa até este momento, concentrou-se na análise da novela “A volta do marido pródigo”, na qual o patriarcado avulta em sua opulência quase pitoresca, representando o modelo mais bem consolidado desse tipo de arranjo doméstico. O *paters familias*, além de se apresentar como a veiculação da regra, é dotado de imenso poder, figurando, portanto, o típico senhor de terras que rege o cotidiano que o circunda. Na novela, é possível situar a história no início da Primeira

132 CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2012, p.10.

133 Cf. Willi Bolle In: *Grandesertão.br*, São Paulo, Ed. 34/ Duas Cidades, 2004.

134 Cf. Antonio Candido, “Crítica e Sociologia”, in. *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2014, p.13.

135 *Idem*, p.14.

República, em que o patriarcado aparece já desprovido do braço escravo; ainda assim, os ecos da escravidão são notórios seja nas relações entre serviçais e senhor, seja no sentimento coletivo acerca do trabalho ainda como algo repulsivo, além das alusões raciais de caráter pejorativo. Essas vicissitudes pós-abolição desempenharão papel fundamental no desenvolvimento da narrativa, uma vez que o protagonista se alinha, em certa medida, ao veio popular, cuja relação com o trabalho é problemática. Estaria em jogo não somente a preguiça de um desvalido, mas um eco histórico que projeta no trabalho uma condição de inferioridade, a qual era destinada tão-somente aos escravos.

O astuto e dissimulado Lalino Salãthiel, protagonista da história, é quem despreza o trabalho braçal. Figura ambígua, o embusteiro ora se aproxima mais do trickster folclórico, ora do pícaro espanhol, ou ainda, da malandragem brasileira em cujo romance *Memórias de um sargento de milícias* encontram-se os primeiros veios artísticos. Os impasses teóricos sobre o sujeito malandro são relevantes e a fortuna crítica é ampla.

Essa malandragem engendra o tom ubíquo da novela: trata-se, pois, do logro, alcançado mediante o embuste por meio da palavra. Razão pela qual se investigou alguns mecanismos de persuasão que têm respaldo e origem na própria constituição do *locus* patriarcal. O sucesso das artimanhas está atado ao *logos*, a saber, ao discurso, projetados pelo eloquente Lalino. O malandro, embora pouco letrado, é bem-sucedido nas picardias por meio do malabarismo com a linguagem. Essa força retórica dissimulada não é estranha ao universo rosiano. Zé Bebelo em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, também se mostra arguto no âmbito da persuasão. Em face disso, descortinam-se quais as ferramentas retóricas estão em jogo, bem como as implicações desses instrumentos para a narrativa como um todo.

A presença do malandro na narrativa desdobra-se em significados, principalmente para dinâmica das relações entre o indivíduo e o coletivo. São comuns ao sistema patriarcal as práticas pautadas na cordialidade cujo fim é assegurar os benefícios privados, valendo-se da esfera pública¹³⁶. A vida privada, no espaço da casa-grande, é orquestrada por ações do universo da desordem, são arbitrariedades do senhor de terras, artimanhas do protagonista, embustes de personagens secundários, toda espécie de transcendência às normas sociais e à ética. Daí se pressuporia que a ordem vigeria na esfera pública, mediante a presença de

136 Conceito cunhado por Sergio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*.

forças do Estado e representantes da lei. No entanto, a contraparte da desordem interna à casa-grande não se apresenta como a ordem externa, pois não se pode ajuizar as práticas típicas do sistema patriarcal – como as relações entre Estado e elite local, estas respaldadas pela jagunçagem – como pertencentes ao universo da ordem. Esta, aparentemente almejada, é antes um arremedo da desordem generalizante, típico do espaço e momento histórico que serve como pano de fundo.

Desponta, pois, da relação do malandro com o sistema da casa-grande uma possível unidade formal na novela. Trata-se de um princípio composicional pendular: a ideia de uma permutabilidade insistente, uma vez que a transição dos personagens é constante entre as esferas citadas¹³⁷. Esses movimentos só são possíveis na medida em que a personagem central detém traços ambíguos e a astúcia de usar os mecanismos do patriarcado para alcançar o logro, tanto o particular como o de seus semelhantes.

Cabe investigar, portanto, como a construção desse protagonista, somada à configuração do patriarcado, formaliza a transcendência generalizada à norma. Em síntese, contexto social articulado ao modo como é plasmado o malandro cria uma ambiência típica da sociedade brasileira, a qual é percebida pelo trabalho com a forma, a saber, com a permutabilidade constante.

A questão do narrador na novela desponta como ponto dos mais relevantes no que tange à construção dos significados ambíguos sulcados do sistema patriarcal. A perspectiva assumida pela enunciação, elemento estruturante da obra, ao mesmo tempo interage e enforma a trama.

Nesse sentido, procurou-se adensar a reflexão sobre discurso, a saber, o modo como é engendrado o narrador. O ponto de vista da enunciação, condescendente e simpático às atitudes embusteiras do malandro, resulta na amortização da violência, incrustada na vida patriarcal. Não se condena as veleidades e os caprichos. Além disso, a presença digressiva e fantástica dos sapos, que entoam canções, confere à narrativa uma atmosfera cômica, o que, ao mesmo tempo, auxilia no abrandamento da violência e ridiculariza o sistema patriarcal. Posta essa cena, a ambiguidade em face do patriarcado é notória: há crítica e conivência concomitantemente. A formalização dessa dubiedade se entronca às veleidades do sistema patriarcal e do

137 Como se verá, a transição entre polos transborda a esfera da casa. Assim, o intercâmbio entre outras esferas são sintomático e estão subordinados à lógica do malandro e à da casa-grande. Nesse sentido, destacam-se algumas permutas, como o universo popular e erudito; ideal e real; campo e cidade; casa (moral) boêmia (imoralidade) etc.

malandro, as quais são inscritas na forma pendular. Assim, tudo parece convergir na ambiguidade, de onde irromperia o ponto de vista crítico em face das estruturas de poder.

Em síntese, é possível afirmar que a novela “A volta do marido pródigo” e o conto “Nada e a nossa condição” operam tal qual um microcosmo: por um lado, representam uma parte do todo das obras em que se situam; por outro, servem como hipônimo da sociedade brasileira, que estariam mimetizando. Fenômeno, ao que parece, não se efetuar em “Esse Lopes”, de *Tutameia*. Este conto vai, na verdade, de encontro ao hermetismo dos outros 43 contos que integram *Tutameia*. Ainda que alguns abordem de certo modo o patriarcado e outros tenham estilo mais simples, é tarefa árdua apreender uma unidade na obra para além do rebuscamento poético, certo hermetismo, concisão etc. Fator que influencia o aparente acanhamento da crítica rosiana sobre *Tutameia*. Em síntese, “Esse Lopes” não entra na lógica metonímica dos outros dois contos. Cabe investigar as implicações disso bem como se haveria alguma correspondência desse adensamento estilístico com o momento histórico de produção, isto é, nos primeiros anos do golpe de 64.

Referências bibliográficas

BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*, São Paulo: Ed. 34/ Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. “Crítica e Sociologia”. In. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

_____. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.